

5 ARTISTAS DO TEMPO

Falamos muito do tempo ao longo do trabalho, de suas diferentes formas, suas sinuosidades, sua fluidez, os diferentes contornos que ele ganha... Muitos foram os pensadores que refletiram sobre o tempo, tentando explicá-lo, defini-lo, delimitá-lo, e muitos foram os artistas e as obras que tentaram representá-lo, imaginá-lo e concebê-lo. Ao longo desse trabalho escolhemos dois artistas para focar nossas pesquisas, mais precisamente Hiroshi Sugimoto e Henry Bergson, dois artistas do tempo. Um se abriu para a totalidade do tempo, seu caráter infinito e etéreo, através de sua mente, seus pensamentos e suas idéias, o outro escolheu a mídia fotográfica para pesquisar os diferentes percalços da temporalidade. E ambos se cruzam em seus caminhos, mais do que isso, se complementam em suas investigações.

Em síntese, eles permeiam o tempo interior, a subjetividade da temporalidade, a mobilidade da vida e a efemeridade do real. Seguindo seus próprios caminhos, eles afirmam a continuidade fluida desse real, a descontinuidade da realidade como a conhecemos pelo senso comum e a flexibilidade da vida. Ambos questionam as representações, os formatos, os contornos, a percepção. Os dois também falam em contemplação, silêncio, vazio, em abstração do intelecto, idéias e intuição. Por fim, ambos investigam o instante, o retardo, o alargamento, o passado e o futuro, a memória, a duração, o infinito e o devir.

“Não há dúvida de que o tempo, para nós, confunde-se inicialmente com a continuidade de nossa vida interior.”⁹⁰ O tempo dito real é para Bergson um tempo subjetivo, de sucessão, fluidez, mudança e criação. Nossa temporalidade é experienciada pela nossa consciência e suas transformações, é um tempo interno, que como já mencionamos, Bergson chama de duração. No capítulo anterior, específico sobre o filósofo, falamos que a duração seria a realidade em constante mutação, em movimento ininterrupto. A história da filosofia e da ciência pensam

⁹⁰ BERGSON, 2006, pg. 51.

o tempo como a medida de sua duração e não a duração mesma. A ciência usando da inteligência e assim do tempo objetivo elimina a duração extraindo e retendo do “mundo material o que é suscetível de se repetir e de ser calculado; isto é, o que não dura”⁹¹; são tratados o tempo e o espaço juntos, como coisas do mesmo gênero, desviando-se da duração e direcionando os problemas para acima do tempo, do movimento e da mudança. Queremos o impossível, “pensar o instável por intermédio do estável, o movente por intermédio do imóvel”⁹² e obviamente nos perdemos no meio do caminho.

A ciência explica os mecanismos das coisas e não os organismos em si. A explicação mecânica do movimento, por exemplo, não exprime as implicações orgânicas dos efeitos e causas, do passado e do presente, do todo e das partes, do que precede à constituição dos seres vivos, porque ela trata o tempo como espaço. A máquina só é total quando resultante da soma de suas partes, porém um organismo permanece total nos seus menores elementos. Nenhum fragmento de vida se deixa reduzir a um fragmento de matéria.

A consciência estando subordinada às variações incessantes da afetividade faz com que o sentimento de tempo ele mesmo se ache modificado não somente em qualidade, mas também em velocidade. Existe uma correlação estreita entre a percepção de nossas mudanças interiores (pensamentos, sensações, percepções, sentimentos) e nossa experiência do tempo. Por causa disso, Kant chamava o tempo de “intuição do sentido interno.”⁹³ O passado se confunde com a dimensão das lembranças da memória, o presente com as percepções presentes e o futuro com os mecanismos de espera e antecipação. Do ponto de vista do sujeito, o presente é a duração imanente do ato de consciência de si. Nessa perspectiva, o presente não é mais um instante ideal e fictício na linha matemática do tempo, mas uma consistência da consciência vivida. Para Bergson, a ciência exclui essa verdadeira duração e a substitui por um tempo mecânico e abstrato. A duração, qualitativa, descontínua, apreendida como dado imediato da consciência, se opõe

⁹¹ BERGSON, 1979, pg.102.

⁹² BERGSON, 1964, pg. 270.

⁹³ SCHOPENHAUER, 2006, pg. 89.

a um tempo espacializado, matemático, ligado ao intelecto, imóvel, científico, estável e vulgar.

Em Bergson, a descoberta da duração inaugura um método novo na metafísica e que tem como processo a intuição que coincide com o objeto naquilo que ele tem de único e por consequência de inexprimível e que nasce de uma tensão desprovida de interesses utilitários do pensamento. A intuição, como apontado anteriormente, é o verdadeiro conhecimento, evidenciado na apreensão imediata pela experiência interior e não nos conceitos práticos do intelecto racional.

A metafísica, nas idéias de Bergson, tem por objeto a duração e por método a intuição. Com efeito, o eu superficial, para o filósofo, é estruturado pela razão e por seus conceitos para efetuar a ação, logo para se adaptar ao mundo inerte. A razão é essencialmente voltada para o uso, enquanto a intuição, ao contrário, revela um eu profundo que constitui a consciência de si pela memória ativa e original. Essa intuição procede como uma “desespacialização” do tempo e do real, nos revelando a duração, ou seja, a natureza da vida concebida como criadora. Para isso, a intuição se coloca de alguma maneira no movimento vital - *élan vital*. O mundo, segundo Bergson, não é um mecanismo perfeito, mas um organismo permeado pelo sopro da vida – que ele chama de *élan vital*. Esse mundo está constantemente em mutação através de uma duração criativa que segue para uma evolução criadora a qual conduz para a libertação da consciência do homem. Independente de nossa experiência cotidiana, e além dela, a evolução vital nos perpassa, duramos em um mundo que dura, “um grande élan arrebatava os seres e as coisas. Por ele sentimo-nos alçados, impelidos, transportados.”⁹⁴

A criatividade da duração é análoga ao processo artístico. O artista é um ser, diz Bergson em seu ensaio *La Perception du Changement*, menos ligado à ação, ou seja, a uma consciência mais prática. A memória do artista e sua percepção estão menos voltadas ao conhecimento prático e mais ligadas a vida em si mesma, ao real. O artista acessa mais facilmente sua intuição e com isso se

⁹⁴ BERGSON, 1991, pg. 785. Tradução livre.

depara mais espontaneamente com o conhecimento autêntico, tendo mais possibilidade de vislumbrar a duração verdadeira. Ele estaria unido ao pensamento vivo e criador do mundo e seu conhecimento se encontraria mais livre (da ação), possibilitando, com isso, uma integralidade plena do eu e do mundo.

Indo mais além, o artista seria capaz de nos revelar o pensamento invisível, a duração real. Para Bergson o artista, e ele cita o poeta, o romancista ou até mesmo o pintor, seria o revelador de um olhar mais verdadeiro que se encontra em nós mas que não lidamos com ele habitualmente em consequência de nosso hábito de “espacializar” nosso conhecimento, de intelectualizá-lo. O filósofo faz uma comparação com o ato da revelação do processo fotográfico: é o momento que a imagem está latente no papel para surgir apenas depois do banho da revelação diante de nossos olhos. Ou seja, nós estamos inseridos na duração, fazemos parte do real, mas somos cegos, o que temos em nossas mãos é a imagem latente, antes do banho da revelação. É o artista que vai desvelar a imagem e nos ajudar a nos posicionar na própria duração, na própria trama do real. Hiroshi Sugimoto, o artista, também é de uma certa maneira um cego, porém para o mundo exterior objetivo, para o pensamento racional estruturante. Ele foca seu olhar verdadeiro justamente nas idéias, na interioridade, e como fotógrafo nos revela não apenas a mera imagem visual fotográfica de uma natureza imóvel, mas uma imagem viva, em contínuo processo de movimento. Ele consegue, dentro dos limites da moldura da foto, nos indicar o caminho necessário para, através da nossa intuição, chegarmos à duração como compreende Bergson. Pelas sutilezas de seus Budas e de seus mares, pelo acúmulo de filme nas suas telas cinematográficas e de detalhes em toda sua obra, pela indagação da percepção em seus retratos e naturezas mortas, Hiroshi dilacera o instante e destrói a linearidade do tempo, nos arrebatando para dentro do tempo, afogando-nos na realidade viva.

Devemos nos colocar na duração e recuperar, pelo método da intuição, a realidade em si, que é mobilidade, nos diz Bergson. A palavra intuição designa de modo mais apropriado um modo de conhecimento que se refere à essa duração

interior. “Pensar intuitivamente é pensar na duração.”⁹⁵ A intuição parte do movimento e o percebe como realidade mesma, não vendo na imobilidade mais que um dado abstrato. A intuição é libertação, pois ela nos tira do agir para nos colocar na compreensão. Além disso, nos revela que o movimento das coisas é criador. Os artistas são esses seres imbuídos de intuição, capazes de flertar com a realidade sem tanta submissão ao poder da ação do corpo. O artista está mais ligado ao ato criador, e com isso tem uma capacidade maior de pensar intuitivamente e se integrar ao mundo e à duração, conseguindo, como dizia Bergson, perpassar seu olhar aos outros homens. Os budistas zen acreditam que todos nós temos a capacidade de nos integrar ao que eles chamam de “magia zen”, ou seja, ao cosmo, ao mundo movente, à verdadeira existência. Seja através dos mantras, da meditação ou dos *sutras*, enfim, independente da forma, o caminho é através do conhecimento verdadeiro. Sugimoto, além de fotógrafo, é também um discípulo dos ensinamentos budistas, com isso podemos conceber que para ele é fundamental que sua obra, de uma maneira ou de outra, desvele esse conhecimento verdadeiro. Seus instantes fotográficos são imprescindíveis de duração.

Bergson, se apoiando na noção de imagem, a meio caminho entre espírito e matéria (a memória vai ser o elo entre o material e o espiritual), descreve em seu livro *Matéria e Memória* uma memória seletiva que está englobada no ato da percepção ao antecipar lembrando, ou seja, seria uma memória de recordações que está presente na ação, em oposição a memória pura da duração. Essas análises têm o mérito de colocar a memória no centro das atividades da consciência. São duas as memórias: uma automática, feita dos hábitos, das recordações e lembranças assimiladas nas percepções e outra criadora e livre. Como já dissemos antes, a consciência, longe de ser um ato racional, se verifica como sendo memória, ela é acumulação e antecipação do passado e projeta uma personalidade original para o futuro, em um ato de criação. Bergson encontra a liberdade na criação do eu, propulsado pela duração. O ato livre é aquele que brota de nossa personalidade inteira, e é essencialmente um ato vital e criador, oposto à rigidez

⁹⁵ BERGSON, 1979, pg.115.

dos hábitos ligados unicamente à ação. Essa memória livre e criadora é a dimensão da vida.

Os tempos de hoje, denominados de contemporâneos ou pós- modernos e ligados à vida prática e à produtividade, vão radicalizar uma forma de tempo (dito “tempo moderno”) que seria linear, em direção precisa a um futuro. Há uma espécie de negação dos tempos passados, onde o que vale é o presente como uma precipitação em direção ao futuro. O sociólogo polonês Zigmunt Bauman acredita até mesmo que o tempo hoje seria ainda mais radical, sem direção, sem seta, uma infinidade de momentos caóticos pobremente interligados. O presente é o que seduz, é o que é acessível para a nossa sociedade ávida por consumo, por informação e por novidades. Vivemos dependentes dos estímulos externos, sempre atentos a preencher o tempo com imagens, sons, opiniões, sensações, etc. Além disso, nossa era tem uma tendência em destruir qualquer vestígio de tempo interior e de possíveis contribuições da subjetividade e temporalidade, perdemos a capacidade de nos encarar, de nos esvaziar. Com isso, não é fácil acessarmos a intuição e assim atingirmos uma liberdade criadora.

Os desastres dos nossos dias vêm daquilo que Spinoza percebeu tão bem: o homem se crê um imperador num império. No entanto, o homem não é o centro de nada, ele é movimento, seu passado e seu futuro são o próprio universo. A filosofia, diz Bergson, deveria ser um esforço “para superar a condição humana” e nos fazer compreender que pertencemos a um todo, e não é este todo que nos pertence. Assim como os budistas, nós fazemos parte do mundo, da tal “magia zen”, não somos o personagem principal, somos apenas parte de um universo total.

O filósofo não pode estabelecer definições porque elas se referem ao estático, ao quieto, ao imóvel, ao mecânico e ao intelectual. A verdade última é o fluente e o inconstante, e a essa verdade não se pode chegar por meio de definições intelectuais. O que o filósofo pode fazer é mergulhar nessa realidade profunda e, ao voltar, convidar o leitor, através de metáforas e sugestões, a apurar por si mesmo essa mesma intuição que o autor verificou antes dele. A filosofia de

Henry Bergson é um constante convite para que o próprio leitor seja também filósofo e chegue ele mesmo, pela intuição, ao cerne do real.

Também Hiroshi Sugimoto é um artista que tem uma obra aberta ao espectador. Nada já é dado de antemão, nós mesmos é que devemos parar e refletir. Ele não fotografa o mensurável, o objetivo ou o referencial, sutilmente ele fotografa idéias. E esse distanciamento dos objetos concretos nos faz, nós público, nos depararmos mais facilmente com nossa intuição e com isso mergulhamos, afundamos, nos perdemos na imagem. Somos arrastados, aptos a vislumbrar, no próprio tempo e no próprio real, verdades profundas de nossa própria existência.